

MESTRE JÚLIO RESENDE

pelo **Prof. Doutor Luís A. de Oliveira Ramos**

O acto que hoje nos congrega e a personalidade do patrono de V.^a Ex.^a fez-me lembrar Passos Manuel, a cuja sombra tutelar laborei, anos a fio, no gabinete da reitoria; fez-me pensar na identidade universitária do Norte tal como a afeição a história.

E porquê?

Excluídos os veios iniciais e a expansão nossa contemporânea, a história do ensino superior no Porto define-se em dois tempos fortes, a exemplo de Lisboa, mas apresenta aqui uma fisionomia evolutiva peculiar.

O primeiro tempo surge quando o setembrismo institui a Academia Politécnica, a Escola Médico-Cirúrgica, a Academia de Belas Artes. O segundo tempo principia, em 1911, com a República, e leva à fundação da Universidade, que em cerca de uma década põe a funcionar as Faculdades de Ciências, Medicina, Engenharia, Letras e Farmácia, podada aquela, a breve trecho, pela ditadura.

Quer dizer, logo em 1837, graças a Passos Manuel, ficam traçadas as duas linhas constitutivas do ensino superior na urbe durante um período que se estende até aos nossos dias, ganhando clara originalidade no século XX. Uma dessas linhas afirma-se através da escola de Belas Artes. Outra, em crescimento desde a proclamação do regime republicano, vive inicialmente da Escola Médico-Cirúrgica e da Academia Politécnica, acopoladas pelo Governo Provisório de Teófilo Braga na Universidade do Porto e, a partir daí, desdobra-se nas Faculdades já mencionadas.

Atualmente, ao contrário de Lisboa, no Norte, a universidade, como as

escolas que lhe deram ser, prefere as ciências e a medicina, a farmácia e a engenharia, onde se formam os profissionais que atendem às necessidades da região. Com reserva, a instituição e a cidade deixam nascer, e morrer às mãos do governo militar e de quesílias académicas internas, a Faculdade de Letras pensada por Leonardo Coimbra, enquanto, noutra zona da cidade, a Escola de Belas Artes, senhora de si, responde às apetências artísticas do meio e ao consumo da burguesia em ascensão e cruzamento com a aristocracia local. Em boa verdade, as ciências humanas, a exemplo da Faculdade de Direito, não a reivindicam, deveras, nem a universidade, nem os portuenses activos, cujos filhos fazem gala nos estudos em Coimbra, às vezes em Lisboa ou alhures.

Ora, creio eu, a desconfiança face aos estudos de leis, a displicência utilitarista com que se olham as Letras, somada à tradicional e continuada secessão institucional das Belas Artes, a contrastar — nítida — com a inclinação para as ciências e as tecnologias, para a medicina e a farmácia, caracterizam, ao longo de meio século, o panorama universitário do Porto, cujos mestres, é outra peculiaridade, nem de longe, pesaram o mesmo que os de Coimbra e os de Lisboa na administração central e na política do país, já em oitocentos, já em novecentos.

E, no acto de hoje, a Universidade do Porto sem deixar de se rever no prestígio dos seus ramos antigos, nos últimos quarenta anos multiplicados pela presença das ciências sociais e humanas, pelo reascenso da medicina e das ciências novamente conjugadas com a arquitectura, honra, através da Faculdade de Letras, um estadista formado em Ciências Históricas e Filosóficas e em Direito, perito na arte da política e nos saberes da democracia que conformam o genuíno cidadão do nosso tempo. E o padrinho de V. Ex.^a é um singular professor jubilado da Escola Superior de Belas Artes, pintor da cidade e do mundo, mestre Júlio Resende.

Este acto, pelo simbolismo que advém da confluência das duas linhas do ensino superior portuense, a científica e a artística, tal como o concebeu Passos Manuel, tal como o valorizou a história recente, reveste-se, a meu ver, de importância singular, cuja tónica está então na afirmação das ciências sociais e humanas, das artes plásticas, numa cidade e numa região tonificada pela garra criativa da universidade, por uma onda de inovação e dinamismo industrial e urbano, mercantil e informativo, bem sintonizado com o mundo eurodemocrático onde operamos, onde temos de vencer.

Neste contexto e neste caso, a mim, afeiçoado outrora pelo positivismo lógico e pelo criticismo de Vieira de Almeida, quanto pela consciência da complexidade e mutabilidade da história dos povos, ora ávidos de liberdade, igual bem estar e paz, tocou-me fazer o elogio de Júlio Resende, expoente das artes no Porto.

Não o exercito antes de, baseado no testemunho do *Portugal Amordaçado*, evocar um bom professor de V. Ex.^a, que morreu catedrático da Universidade do Porto e a quem devo o convite para nela leccionar — o Doutor José António Ferreira de Almeida. Faço-o muito a propósito porque foi ele quem, à margem do ensino dominante na Faculdade onde, em Lisboa, estudamos, alertou boa parte da minha geração para a estética e as artes plásticas e a ele devem os seus alunos no Porto uma decisiva chamada de atenção para as problemáticas que têm a ver com a educação da sensibilidade e com o gosto pelas artes. Ora, se melhor discípulo eu fôra, melhor desempenharia a tarefa que hoje tenho. Ou talvez não, pois daria a sólida versão de outrém e não a minha, pobre embora.

E para mim, mestre Júlio Resende começa por ser o homem afável, de pensar original, que em reuniões ligadas às coisas da cultura amiúde encontrei, há-de ser o autor da aguarela do Porto que todos os dias, em minha casa, interrogo, não deixa de ser o enigmático pintor de certo retrato que enfrento ao tratar de altos negócios da universidade.

Mesmo arrimado ao curriculum, mesmo sensibilizado pelo percurso de albuns e exposições, mesmo apetrechado pelo dizer de livros e artigos, fica-me a convicção de que mal conheço a pessoa, de algum modo entendo a cidade ou a arte que de muitos modos revela. E a curiosidade aguça-se, em solilóquios, se procuro decifrar as mensagens subjacentes ao tal retrato que na Reitoria existe.

No fundo, a tela ou a aguarela, paradigmas meus, servem de pretexto à razão de ser, múltipla, sem dúvida, pois, se uma fôra, efêmera seria. Deveras, tento ver o que Júlio Resende sugere. Quero, sensível, pensar para fruir. Como eu, outros acodem e a seu modo vivenciam e dizem perceber porque a este professor de belas artes, a este pintor, chamam mestre ou só Júlio Resende. Alguém que muito peculiarmente vive radical e criativamente o acto de pintar.

Para falar do pintor muitas vezes galardoado, cujas obras têm lugar nos grandes museus e em famosíssimas galerias estrangeiras, biografemos, antes de mais, a pessoa, sujeito de «visões líricas ou dramáticas», cuja obra é «um lúcido apelo não só à sensibilidade como também à inteligência».

Júlio Martins da Silva Dias, mestre Júlio Resende, veio ao mundo em Outubro de 1917, no Porto, colaborou, desde os 13 anos, em semanários infantis e na imprensa, e tirou o curso comercial. Optou, vitalmente, pela Pintura, na Escola Superior de Belas Artes, onde avulta entre os alunos de Dórdio Gomes. Integra o grupo originário dos «independentes», na contra-corrente do academismo da Escola e afirma-se desde logo pintor de talento.

Findo o curso, aureolado pelo Prémio Nacional da Academia de Belas Artes, viaja e estuda na Europa. Visita a Itália, a Bélgica, a Holanda,

a Inglaterra, a França e a Espanha. Em Paris, torna-se discípulo de Othon Friesc, especializa-se nas técnicas da pintura mural, adentra-se no Louvre, cruza omnímodas influências, a traduzir num fortíssimo e original «expressionismo lírico» que de muitos modos emerge ao longo da sua carreira.

De volta a Portugal, vive experiências decisivas no Alentejo, trabalho no ensino técnico. A sua pintura deixa extravazar «toda a força telúrica» e «toda a dolorosa humanidade» dessa província, numa afirmação de «angústia expressionista», onde a «relação entre geometria, figura humana e solidão» seria para Resende «o cânone da figura humana do nosso tempo português».

Fixa-se depois no Norte, e em definitivo no Porto, onde tem as suas raízes. Afeiçoado por elas, ganha prestígio e crescente individualidade pictórica.

As cores são então «mais carregadas e sombrias; as formas assumem expressões rectangulares; a construção descobriu novos equilíbrios — e toda a pintura permanece bem fixa na terra», diz Fernando Guedes. Dela exala, a seu ver, «a rara plasticidade dos vazios, a força tensa de um geometrismo humanizado, ...e ainda o poder da cor».

Resende alinha, deveras, na instauração do neo-realismo português, cuja tradução simbólica por excelência poderia ter surgido «na obra mural e épica, concebida para a cripta do *Mar Novo*», esse projecto de João Andersen jugulado, com convicção, pela mais alta hipocrisia censória.

Em 1958, Júlio Resende torna-se docente da Escola Superior de Belas Artes, onde passa a derramar as suas invulgares qualidades pedagógicas sobre gerações de artistas jovens. Aí alcançará o topo da carreira académica, do mando escolar, como ainda da fama irradiante que fez dele. segundo José Augusto França, «o único dos nossos pintores que, por experiência pictórica, se comporta europeicamente» sem deixar de guardar «um carácter nacional».

Do mesmo passo que se vota ao ensino, o pintor prepara-se para cobrar novos horizontes. A breve trecho, «liberta-se, explode», passa ao informalismo. Desdobra-se em «espaços pictóricos mais vastos e menos delimitados, a cor assumiu outras luminosidades...», a própria matéria valorizou-se.

«Depois ... sucederam-se, em crescendo, enriquecimentos que incidiram sobre todas as dimensões da obra». Todavia, «a revolução no domínio da cor e da luz foi mais tardia... verifica-se em coincidência com a presença do pintor em terras do Brasil. A cor e a luz adquirem uma limpidez e uma calidez muito diferente dos valores que antes eram os seus. Como se fosse uma obra realizada num estado de deslumbramento

e, até, de ofuscamento . São agora dominantes claras as que enformam cada obra. E a luz torna-se a responsável por delimitações plenas de ambiguidade», observou Joaquim Matos Chaves.

Mas, em todas as circunstâncias, o pintor continua ligado ao burgo que o viu nascer. «*As minhas raízes são aqui [disse]. O Porto é uma cidade expressionista, identifico-me com ela. Penso que jamais nos separaremos*». E isso mesmo está testemunhado em visões de muitos trabalhos seus. «Crianças, mulheres, adolescentes, animais repartem entre si o espaço e o ritmo, a core e a luz da sua cidade, com um lúcido ardor que, para Eugénio de Andrade, é o outro nome da sabedoria».

De resto, o Porto à beira rio, «pequeno na sua concretude e imenso na alma», vaza-o o artista na *Ribeira Negra*, esse vasto painel, «*imagem humana da Ribeira, rude, pura, dramática e viva*», como ele sempre a conheceu, que constitui «um intenso testemunho existencial e épico» sobre a urbe e sobre o pintor.

Os seus arroubos de sensibilidade metafísica, descobrimo-los em certo templo que guarda uma das obras de arte do Porto contemporâneo. Aí, segundo Mário Claudio, o «caminho é o das pétalas de luz, azul leve e rosa lânguido e amarelo imponderável, com que se atapetam as lajes da Igreja de Nossa Senhora da Boavista. Entre a matinal claridade, vinda das refrações de uma praia da Foz, por vitrais onde escreveu Júlio Resende a reflectida oração, com nenhuma pressa de se revelar, apenas de chegar ao Senhor».

Olhando, em globo a obra do artista, importa ter em conta, com Vasco Graça Moura, não só o «lado expressional constante...» da sua pintura, mas também, ao menos como ponto de partida, a sua «pessoal estética de reflexão». E, assim, chega-se à consciência de que ele procura mostrar «quanto numa figura a des-figura, quanto numa forma pode existir, perigosamente existir, de in-forme, quanto neste mundo se abala e se destroi, cresce e se esmaga — e quanto tudo isso são signos...»

Em consonância com a sua reflexão estética, urge ainda não olvidar que, para Resende, «*a arte é a imagem do espírito humano*», da sua inquietude, da presença da sensibilidade em sociedades «*conduzidas por cérebros inflexivelmente racionais*», que, negativamente, conferem «*uma importância progressiva à função teórica em detrimento da função estética*».

E, numa perspectiva existencial da arte, pintar ou desenhar, para ele «*é confrontar-se consigo próprio e com o mundo. Poderá ser afirmar o NÃO, no «sim», e o SIM no «não». É o recomeçar constante e obsessivo, ignorando a face da experiência acumulada, prescindindo-a, refutando-a*».

Quer dizer, através da pintura de Resende defrontamo-nos com

algumas questões essenciais que lhe estão subjacentes e, explicitamente, com a apologia da sensibilidade.

A seu ver, em Portugal descura-se o papel da educação visual quando é certo que o apelo à sensibilidade, enquanto capacidade de amar, funciona «*como detonador da verdade e da justiça que cada homem possui em si*», e sem as quais o homem total fica abafado.

Ora, uma das tónicas da obra de Resende, muito explícita nas suas aquarelas, está na descoberta da «*feição lírica da natureza e do homem*», a que o seu expressionismo confere vida, identifica com a vida.

E é o mundo, são os homens, numa visão humanística, a que não falta a consciência tanto da sua grandeza como da sua pequenez ou da sua vacuidade, que Resende vaza em tudo que cria, passando do concreto para o universal, em termos que identificam o seu portuguesismo. Como já se escreveu, o referido lusitanismo «foi facilmente reconhecido pelos estrangeiros, devido à sua comparticipação na construção de uma linguagem universal» e afirma-se talvez, mais individualmente, no seu desprezo pela retórica «em favor da poética», no transcurso de um processo em que o pintor permanece bem ligado «às raízes profundas do homem».

Demais, Resende, se se mantém atento «à multiplicidade de tendências», mostra-se independente. Nenhuma ideologia chega para satisfazer a sua inquietude, nenhuma influência passivamente assimilada quebra a sua originalidade, «antes são as formas, que ele escolhe, nota o meu colega Flórido de Vasconcelos, que sofrem da sua vontade uma metamorfose e uma evolução marcadas iniludivelmente pela personalidade do pintor», pela essência do seu testemunho vital, que está no expressionismo, que está numa pessoalíssima estética da reflexão ou, genericamente, no ineditismo da sua obra.

Não termino, sem recordar que o Prof. Júlio Resende possui diversas condecorações nacionais e estrangeiras, entre as quais refulgem as insígnias da Ordem de Santiago. Com admiração, evoco o escrito tão simples, quanto intelectualmente luminoso, sobre *L'Art et la Destinée de l'Homme*, pronunciado na Bélgica e a sua qualidade de sócio da ilustre Real Academia das Ciências, Letras e Artes do mesmo país. Ainda que dominado por sincero apreço, omito o nome de todas as grandes exposições que protagonizou, e de que foi parte honrada no país e lá fora. Não refiro também os inúmeros prémios averbados pelo mestre desde a juventude até aos nossos dias, nem tão pouco menciono, ferido embora pelo estímulo que me proporcionaram, os sugestivos testemunhos e as obras densas a que deu azo, de que tanto me socorri nesta teia de impressões e leituras.

Como professor de história, virado para a reconstituição científica do passado, mas também cidadão que interroga o pretérito para conceber

o futuro, permito-me ainda vincar algumas ideias, a propósito de Júlio Resende, que interessam ao ser humano e têm a ver com os portugueses. Resende, artista-cidadão do nosso tempo, considera que é impossível viver à margem das dúvidas e das angústias do homem, considera os conceitos de liberdade e de justiça um todo, constituindo a finalidade das sociedades ditas livres, tem a consciência de que os problemas não são unicamente regionais, pois está em causa o ser humano, acredita profundamente na capacidade criativa do indivíduo e bem assim na importância da sensibilidade na educação contemporânea.

À luz destes valores, ele capaz de autêntica e criativamente mudar, ele crítico, ciente de que *«apenas um gesto fará desabar o venerável monumento das convenções»*, ele cidadão do Porto, avesso aos excessos da racionalidade, logrou traduzir, na expressão feliz de Fernando Pernes, «a exigência dum ser português encontrado na experiência dum saber europeu», onde a melancolia, a esperança e a rudeza se combinam, líricamente, através do trabalho e da sucessiva capacidade inovadora do pintor, numa identidade universalista.

Para nós, portugueses, em tempo europeu, que apregoa, mas carece de valores universais, de valores lusíadas realmente assumidos, haverá exemplo melhor? Aqui fica a interrogação.



